

IAOD do Deputado Wong Chon Kit em 19.05.2026

De “poder ter filhos” a “ter filhos sem preocupações” — enfrentar o desafio da baixa taxa de natalidade do ponto de vista médico

O Governo já deixou claro que vai lidar com a baixa taxa de natalidade em três vertentes: “procriação, criação e educação”. O lançamento do “Programa de participação no tratamento de procriação medicamente assistida” e a extensão a todas as grávidas da detecção pré-natal não invasiva, independentemente da idade, criaram uma boa base para as pessoas “poderem ter filhos”. Mas, no primeiro trimestre de 2026, nasceram apenas 690 bebés, o que representa uma redução de 6,8 por cento em relação ao trimestre anterior. Estes dados lembram-nos que ainda existe um fosso entre “poder ter filhos” e “querer ter filhos”. Como fazer com que os casais em idade fértil passem de “poder ter filhos” para “ter filhos sem preocupações”, sentindo que “todo o sistema de saúde de Macau está a proteger-me a mim e ao meu filho”, é uma questão importante a que devemos estar atentos conjuntamente.

A seguir, apresento três sugestões a partir da minha perspectiva profissional na área da saúde:

1. Muitos casais, na fase de planeamento da gravidez, desconhecem as suas próprias condições de fertilidade e só procuram ajuda após tentativas falhadas, perdendo a oportunidade de intervenção precoce. Muitas mulheres jovens receiam as alterações físicas da gravidez, como estrias, incontinência urinária pós-parto, prolapso uterino, e esse medo dos danos corporais torna-se um factor oculto que reduz a vontade de ter filhos. Concordo com a orientação do Governo de otimizar os serviços pré-natais e sugiro ainda: através da cooperação público-privada, reforçar a promoção da avaliação básica da fertilidade na rede comunitária de saúde e continuar a oferecer cursos para pais de primeira viagem, ensinando os jovens casais a gerirem proactivamente o seu corpo, eliminando receios com conhecimento e criando, desde a origem, confiança para uma gravidez tranquila.

2. Na sociedade circulam muitas informações e partilhas de experiências sobre o apoio psicológico pós-parto, orientações sobre o aleitamento materno e monitorização do crescimento dos bebés e crianças, cuja falta de fundamento deixa facilmente os novos pais preocupados e, conseqüentemente, enfraquece a sua vontade pela procriação. Sugiro que, no âmbito da cooperação público-privada, seja criado um programa de cuidados de saúde pós-parto, no qual os profissionais de saúde prestem cuidados às mães e bebés, ajudando as parturientes na recuperação e na orientação dos cuidados para os recém-nascidos. Esse programa poderá ainda estabelecer um sistema de formação e acreditação para pessoal com qualificações e experiência na prestação de apoio a parturientes, o que lhes vai permitir a integração nos serviços comunitários de cuidados às mães e bebés. Assim, até se poderia conseguir uma maior eficácia no incentivo à procriação através do apoio prestado pelos mais idosos, e os aposentados poderiam reintegrar-se no mercado de trabalho.

3. Do “nascer com tranquilidade” ao “criar com tranquilidade”, a protecção da saúde na fase escolar é uma continuação importante da vontade de ter filhos. Actualmente, os Serviços de Saúde estão a promover o “programa de cuidados de saúde das crianças”, para

prestar, nas escolas, o rastreio físico anual aos alunos do ensino infantil e primário, tendo obtido “feedback” positivo por parte dos encarregados de educação. Sugiro que, com base nisto, se aprofunde a cooperação entre os serviços de saúde e as escolas: por um lado, alargase o âmbito dos exames de rastreio à saúde psicológica e, por outro, através da colaboração entre o público e o privado, permite-se a participação conjunta da comunidade na rede de cuidados de saúde para as crianças, proporcionando assim aos alunos um rastreio sistemático da sua saúde e partilhando eficazmente a pressão de acompanhamento dos centros de saúde. Isto não só permite detectar mais cedo eventuais problemas de saúde no desenvolvimento infantil, reduzindo o desgaste e a ansiedade dos pais com deslocações sucessivas em busca de cuidados médicos, como também o sentimento de segurança proporcionado por esta cobertura de saúde constitui por si só um factor importante para aumentar a vontade de ter filhos. Paralelamente, o reforço da rede de saúde escolar poderá abrir aos jovens profissionais de saúde percursos de especialização nas áreas da saúde escolar e da saúde pediátrica, promovendo assim uma situação vantajosa para todas as partes envolvidas.

A descida da taxa de natalidade não tem uma única solução. É necessário que os diferentes sectores da segurança social, educação e habitação desempenhem os seus papéis respectivos, para que se possa construir efectivamente uma sociedade verdadeiramente favorável à natalidade. Neste contexto, o papel dos profissionais de saúde consiste precisamente em avançar a linha de intervenção, reforçando a confiança das famílias em “ter filhos com tranquilidade” e prolongando a protecção para “criar com tranquilidade” através dos cuidados de saúde escolares, contribuindo assim de forma concreta para aumentar a vontade de ter filhos entre os casais de Macau.